

MÃO INVISÍVEL OU MÃO EMPREENDEDORA?: Uma Análise da Convergência do Mercado ao Estado de Equilíbrio.¹

Resumo

O processo de coordenação entre os ²planos dos participantes do mercado, a levar para um estado de equilíbrio, é considerado por uma parte da literatura liberal como decorrência da atuação da mão invisível no mercado, a ideia é que os agentes, quando, são deixados livres para realizarem trocas, seriam levados a um resultado que maximizaria o bem-estar da sociedade. Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de coordenação entre os planos dos participantes do mercado, ao focar a interação entre as ações dos indivíduos que ocorrem de forma descentralizada e que poderão ou não acarretar em um possível equilíbrio de mercado. O método de estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica, ao ser utilizado como base a Teoria da Atividade Empresarial (TAE) do economista Israel Kirzner (2012). Um dos resultados obtidos sugere que a ideia de Adam Smith (1776) omite o papel crucial que o empreendedor desempenha na economia, e que estes agentes atuam no mercado identificando e explorando as oportunidades de lucro nos mercados, fazendo os recursos se aproximarem de uma alocação mais eficiente. Constatou-se, que o empreendedor, durante o processo de mercado influencia na tendência ao equilíbrio e que os planos dos agentes não são coordenados pelo o que se denomina de mão invisível, e sim por uma “mão empreendedora”.

Palavras-chave: Mão Invisível. Atividade Empresarial. Equilíbrio de Mercado.

Abstract

The process of coordination between the plans of market participants, leading to a state of equilibrium, it is considered by a party of liberal literature as a result of the performance of the invisible hand in the market, the idea is that when agents are left free to conduct trade they would be led to a result that maximizaria the well-being of society. This study aims to analyze the process of adjustment between the plans of the participants in the market, focusing on the interaction between the actions of individuals that occur in a decentralized way and that may or may not result in a possible market equilibrium. The method of study is based on bibliographical research, using as a basis the theory of entrepreneurship of the economist Israel Kirzner (2012). One of the results obtained suggest that the idea of Adam Smith (1776) omits the crucial role that the entrepreneur plays in the economy, and that these agents act on the market by identifying and exploiting the profit opportunities in markets, making the resources approaching a more efficient allocation. It appeared that the entrepreneur, during the process of market, makes the market have a tendency to equilibrium, and that the plans of the participants are not coordinated by what is called the invisible hand, but by an “entrepreneurial hand”.

Keywords: Invisible Hand. Entrepreneurship. Market Equilibrium.

¹ Artigo produzido com bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET ACS- UFRR

1 INTRODUÇÃO

O conceito da mão invisível, apresentado por Adam Smith na sua obra “Uma Investigação Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza da Nação” (1776), se constitui, sem sombra de dúvidas, como um dos mais importantes para a História do Pensamento Econômico (HPE). A ideia causou tanto impacto que até hoje – passados mais de 240 anos – é utilizada em debates sobre economia, seja por pessoas formadas na área ou até mesmo por políticos defensores do liberalismo econômico. Ao se perceber que a ideia comumente designada para o termo é a de descrever o funcionamento do mercado quando não há interferência nas livres relações de trocas entre ofertantes e demandantes, nessa situação, a mão invisível atuaria no sentido de levar o mercado a um equilíbrio¹, ou dito de outra forma, ela seria responsável pela autorregulação das atividades econômicas. Dessa forma, se existisse um produto em abundância o seu preço diminuiria, e se houvesse a falta de um produto seu preço aumentaria, a mão invisível teria o papel de redirecionar as forças produtivas conforme as necessidades da sociedade e promover o bem-estar geral (OLIVEIRA & GENNARI, 2009).

Esse mecanismo, o qual a ideia retrata, passou a simbolizar, em grande medida, o processo de coordenação na economia. Dessa maneira, os planos dos agentes seriam satisfeitos por uma mão invisível que a coordenaria de tal forma que a sua decisão se encaixasse com a de outro agente. Como a sociedade de hoje é bastante complexa, a qual existe várias situações em que as atividades econômicas estão descoordenadas e que vários agentes estão tomando decisões equivocadas a todo momento, logo, surge a necessidade de um estudo que procure entender o processo de mercado (ou ajustamento dos planos individuais dos agentes econômicos) o qual acarreta em um possível estado equilíbrio.

O objetivo geral desse artigo consiste em analisar o processo de coordenação dos planos individuais no mercado capaz de gerar um estado de equilíbrio. Busca-se apresentar o ajustamento do mercado ao analisar os momentos de descoordenação entre os planos dos agentes econômicos (consumidores, proprietários de recursos e empreendedores) como uma das características do processo de mercado e como, por meio da atividade do empreendedor, esses planos poderão ser ajustados ou coordenados, ao fazer dessa forma, o mercado convergir para um estado de equilíbrio.

Para tanto, recorreu-se a teoria da atividade empresarial do economista Kirzner (2012), a qual fornece os fundamentos sobre o processo de ajustamento do mercado por meio da atividade do empreendedor. Embora a ideia da mão invisível seja de grande importância para o desenvolvimento desse trabalho, ela serve mais como ponto de partida para posteriormente compará-la com a perspectiva de Kirzner (2012) sobre o processo de mercado rumo a um estado de equilíbrio do que uma análise minuciosa dos escritos de Adam Smith (1776) sobre o tema.

Destarte importância do conceito da mão invisível para a ciência econômica e nos debates que acontecem nos tempos atuais, representa o incentivo à elaboração do presente estudo, que tem como objetivo específico analisar se o conceito da mão invisível omite o papel empreendedor na

¹ Embora o termo equilíbrio não seja um consenso entre os economistas neoclássicos, alguns autores reservam o termo para designar os casos em que a oferta é igual a demanda e que as expectativas dos agentes sempre serão satisfeitas. Ver Marcos Lisboa, “A Miséria da Crítica Heterodoxa – Segunda Parte: Método e Equilíbrio na Tradição Neoclássica”.

explicação de uma emergência do mercado ao equilíbrio e verificar como os problemas de descoordenação de planos são sanados, ao ter em vista a necessidade de uma visão que explique o funcionamento do mercado de forma mais consistente do ponto de vista da teoria econômica.

Apesar de majoritariamente a ideia da mão invisível ser apresentada como já assinalada, há ainda muitas controvérsias sobre a ideia de Adam Smith (1776) (SANTOS & BIANCHI, 2007). No entanto, este estudo adota a concepção do autor conforme a interpretação convencional de Mankiw (2009) e Vasconcellos (2009) à luz do tema, isto é, a mão invisível como sendo a coordenadora da atividade econômica capaz de maximizar o bem-estar da sociedade ou de levá-la a um equilíbrio. De todo modo, este estudo pode, ainda, servir para uma contemplação do debate atual acerca da organização do mercado tendo em vista o papel que o empreendedor desempenha na economia.

2 A MÃO INVISÍVEL DE ADAM SMITH

A ideia da mão invisível, exposta por Adam Smith no livro “A Riqueza das Nações” (1776), ainda é objeto de muitos debates nos tempos atuais. Há quem utiliza a ideia para defender o mercado desregulado, pois este se ajustaria de forma espontânea quando todos agissem de modo a satisfazer seu auto interesse, quando isso ocorresse os indivíduos seriam levados a promover um fim não premeditado, mas que beneficiaria a coletividade (GORENDER apud SAY, 1996; LOPES & VASCONCELLOS apud SAY, 2008). Há também quem utiliza a ideia para apontar que o ajustamento do mercado não ocorre de tal forma, pois quando o mercado está desregulado ocorrem riscos de instabilidades e que, devido a isso, o Estado deveria intervir na economia (KEYNES, 1996).

Segundo Mankiw (2009), a visão de Adam Smith (1776) era de que os compradores e vendedores quando interagissem livremente no mercado, seriam levados a resultados de mercados desejáveis por meio de uma mão invisível. O preço definido via mercado seria a forma como a mão invisível conduziria a atividade econômica, os preços na visão Smith se ajustariam para direcionar a oferta e a demanda de modo a alcançar um resultado que maximizaria o bem-estar da sociedade. Neste sentido, quando o Estado impedisse que os preços se ajustassem entre a oferta e a demanda ele, por consequência, impediria a atuação da mão invisível na coordenação das decisões de famílias e empresas que compõe a economia (MANKIW, 2009).

Nessa mesma linha, Vasconcellos (2009) destaca que, para Smith, quando todos os agentes agissem em busca de lucrar o máximo eles acabariam promovendo o bem-estar de toda a comunidade. A mão invisível teria a função de orientar todas as decisões da economia, a defesa do mercado como regulador das decisões econômicas de uma nação traria muitos benefícios para a sociedade, independentemente da ação do Estado, este seria o princípio do liberalismo econômico (VASCONCELLOS, 2009).

Outrossim, a perspectiva predominante da mão invisível, seja no meio acadêmico ou nos debates comuns do dia a dia, está estritamente relacionada ao modo de organização dos mercados, e apontam para duas correntes de pensamentos controversos: o primeiro pensamento diz respeito a crença de ordem espontânea dos mercados quando deixados livres para operarem, sem interferência do Estado nas atividades econômicas; e o segundo pensamento refere-se a falta de coordenação e riscos de crise que o mercado produz quando deixado livremente. Cabe destacar, no entanto, que existe outras interpretações e estudos mais detalhados dos escritos de Adam Smith (1776) referente a sua ideia da mão invisível, como por exemplo, Santos & Bianchi (2007).

O conceito da mão invisível debatida hoje é comumente dada pelos seguintes trechos retirados do seu livro “A Riqueza das Nações”:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à

sua humanidade, mas à sua autoestima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles. (SMITH, 1996, p. 74)

Já que cada indivíduo procura, na medida do possível, empregar seu capital em fomentar a atividade nacional e dirigir de tal maneira essa atividade que seu produto tenha o máximo valor possível, cada indivíduo necessariamente se esforça por aumentar ao máximo possível a renda anual da sociedade. Geralmente, na realidade, ele não tenciona promover o interesse público nem sabe até que ponto o está promovendo. Ao preferir fomentar a atividade do país e não de outros países ele tem em vista apenas sua própria segurança; e orientando sua atividade de tal maneira que sua produção possa ser de maior valor, visa apenas a seu próprio ganho e, neste, como em muitos outros casos, é levado como que por mão invisível a promover um objetivo que não fazia parte de suas intenções. Aliás, nem sempre é pior para a sociedade que esse objetivo não faça parte das intenções do indivíduo. Ao perseguir seus próprios interesses, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade muito mais eficazmente do que quando tenciona realmente promovê-lo. (SMITH, 1996, p. 438)

Os trechos citados apontam que uma pessoa não é levada a abrir um comércio porque ela deseja ajudar as pessoas a obterem os produtos que necessitam para satisfazer as suas necessidades, é pelo fato de uma pessoa possuir um autointeresse e ir em busca de satisfazê-lo que ela é levada a realizar o interesse de outras pessoas e, como consequência, beneficiá-las por meio de uma ação não intencional. Esse arranjo é justamente o que caracteriza uma economia de mercado.

A economia de mercado é o sistema social baseado na divisão do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção. Todos agem por conta própria; mas as ações de cada um procuram satisfazer tanto as suas próprias necessidades como também as necessidades de outras pessoas. Ao agir, todos servem seus concidadãos. Por outro lado, todos são por eles servidos. Cada um é ao mesmo tempo um meio e um fim; um fim último em si mesmo e um meio para que outras pessoas possam atingir seus próprios fins. (MISES, 2010, p. 315)

A definição de Mises (2010) sobre economia de mercado capta a essência da operacionalização da mão invisível Smithiana e ela torna-se útil por dois pontos: I) ela demonstra como as ações independentes e interdependentes dos indivíduos caracterizam o processo de mercado; e II) ela ajuda a compreender a emergência da concretização dos planos individuais para então chegar-se a um tendencial equilíbrio de mercado o que, por sua vez, permite realizar um contraste entre a mão invisível e o exercício da atividade empreendedora no processo de coordenação dos planos individuais.

Em consonância com os autores citados, percebe-se o caráter inerentemente analítico da mão invisível em relação ao processo de mercado, de coordenar os planos dos agentes econômicos, fazendo com que as suas curvas de demanda e oferta se cruzem e encontre um equilíbrio no mercado. É importante enfatizar que, naturalmente, a mão invisível é necessária no equilíbrio, já que os planos individuais estariam sendo concretizados e não haveria, por assim dizer, descoordenação das atividades econômicas (KIRZNER, 2012).

Essa análise do processo de mercado é de fundamental importância para a compreensão do surgimento de uma tendência do mercado ao equilíbrio, partindo do pressuposto de que há uma descoordenação de planos individuais dos agentes, torna-se factível compreender a convergência dos mercados ao equilíbrio. Posto isto, a próxima seção terá como enfoque o contraste entre processo e equilíbrio de mercado para que se torne possível inserir o empreendedor na análise econômica, pois segundo Baumol (2010, p.15): “com o advento da economia neoclássica, o empreendedor foi exorcizado pela literatura”. E isso se deve pelo seu foco excessivo em análises de equilíbrio (GIANTURCO, 2014).

3 PROCESSO DE MERCADO VERSUS EQUILÍBRIO DE MERCADO

Para compreender a teoria da atividade empresarial e o papel que o empreendedor desempenha dentro de uma economia de mercado, torna-se necessário analisar o mercado como um processo, em vez de um estado de equilíbrio² no qual pressupõe perfeita compatibilidade entre os planos individuais de cada agente e conhecimento perfeito.

Em uma situação de equilíbrio de mercado, não há espaço para a atividade empreendedora [...] porque não há ignorância ou falta de coordenação entre os agentes. É a ineficiência existente na realidade que permite uma realocação dos recursos por parte desses empreendedores e torna o resultado mais eficiente. (CONSTANTINO, 2009, p. 136)

Na ótica de Israel Kirzner (2012), o grande problema econômico o qual a teoria ortodoxa do preço busca investigar pode ser dada pelo conceito moderno de economia, definido por Lionel Robbins (2012) como a alocação eficiente de recursos escassos a fins alternativos³. As preferências, disponibilidade de recursos e tecnologia são considerados como dados, ou seja, já se possui o conhecimento do plano do agente e a partir disso é possível encontrar o conjunto de preços de equilíbrio em que ocorre a alocação eficiente dos recursos. Como o conhecimento é dado, o problema de alocação passa a ser puramente lógico ou de maximização (BARBIERI, 2008).

Ao se considerar uma economia em que os diversos agentes estão tomando decisões de forma independente e que, além disso, as consequências que cada agente espera obter depende não apenas de sua decisão, mas também das decisões tomadas pelos demais (BARBIERI, 2008). Como um agente poderia concretizar o seu plano sem ter conhecimento de que outro agente depende de sua decisão para realizar tanto o seu plano quanto o dele? E em que circunstância o plano de um agente poderá ser concretizado mesmo sem que ele tenha o conhecimento necessário para realizá-lo? (LISBOA, 1998).

Ademais, partindo do princípio de que o conhecimento dos agentes é falível, e que é interdependente da interpretação de cada agente, surge a questão do que deveria ser feito para evitar a incompatibilidade de planos. Para Barbieri (2008, p. 218), “a teoria neoclássica contorna o problema transformando os dados em entidades objetivas, por meio da hipótese de conhecimento perfeito”. Já Hayek (1948) destaca que o verdadeiro problema que a teoria econômica deve enfrentar é investigar a maneira como os dados subjetivos de cada agente se aproximam ou não ao longo do tempo dos reais fundamentos da economia, deve-se então explicar o surgimento da coordenação entre os agentes em uma economia descentralizada e não assumir o equilíbrio (como proposto pela teoria neoclássica) e estudar as suas características.

² Para Hayek (1937), o conceito de equilíbrio significa que a previsão dos diferentes participantes do mercado está correta, no sentido de que o plano de cada pessoa se baseia na expectativa do mesmo conjunto de fatos externos, de maneira que sob certas circunstâncias ninguém terá motivo para mudar seus planos. Ver Hayek, “Economics and Knowledge”, p. 33-54.

³ O conceito moderno de economia supõe implicitamente um conhecimento dado sobre os fins e meios dos agentes, excluindo, portanto, o papel de identificação do quadro de fins e meios por parte dos agentes, que no mundo real são buscados pelos empreendedores.

A teoria da atividade empresarial, ao analisar o processo de mercado⁴, assume o caráter epistemológico do conhecimento dos agentes, o qual é tido como subjetivo e conjectural⁵ (BARBIERI, 2008). Desse modo, a teoria se propõe a explicar o processo de correções de erros provenientes da ignorância dos agentes que tomam decisões equivocadas imaginando estar tomando a melhor decisão possível, mas que posteriormente se revelará errada. Ao passo em que novas informações são geradas após as suas más escolhas isso fará com que os agentes refaçam os seus planos para evitar erros futuros, essas mudanças sistemáticas é o que constitui o processo de mercado e são essas mudanças que geram maior coordenação entre os planos dos agentes (IORIO, 2011).

Kirzner (2012) destaca que no mercado pode ocorrer dois tipos de erros quando um agente decide vender um determinado produto e/ou serviço: ou ele pode encontrar alguém que esteja disposto a pagar pelo produto e o agente realizar a venda a um preço mais baixo do que deveria, imaginando que não haverá oportunidades de lucros melhores; ou então, esperar uma oportunidade de lucro melhor, ao deixar o preço a um patamar elevado e não encontrar um comprador final. No segundo caso, esse erro tem uma correção mais fácil – e tenderá a ser eliminado, automaticamente, pelo mercado – pois ao não conseguir realizar a venda, o agente verificará que suas expectativas estavam equivocadas e que houve um excesso de otimismo. Já no primeiro caso, o agente terá maior dificuldade para perceber o erro, como já ocorreu uma troca vantajosa, não se verificará com tanta facilidade que, no fundo, a sua expectativa era pessimista com relação a obtenção de lucros maiores (IORIO 2011).

Ao analisar a economia a partir de uma hipótese contrária ao da teoria neoclássica, a de conhecimento imperfeito, torna-se possível, dessa maneira, inserir a ação empresarial no mercado, que será o elemento crucial para entender o processo de mercado (KIRZNER, 2012). Os erros do primeiro tipo, que estão presentes, diariamente, em qualquer mercado, somente poderão ser descobertos por um agente que possua uma característica essencial, esse atributo é o estado de alerta para oportunidades de lucros existentes, mas até então não exploradas no mercado. É por meio da ação do empresário puro⁶, definida por Kirzner (2012), que os erros do primeiro tipo – pessimismo – serão eliminados do mercado e promoverá maior compatibilidade entre os planos individuais dos agentes.

O estado de alerta empresarial tem como função não somente descobrir oportunidades de lucros e explorá-las, mas também transmitir a outros participantes do mercado informações que

⁴ Uma das principais contribuições de Kirzner para a moderna Escola Austríaca de Economia está na sua teoria da atividade empresarial, que busca compreender o processo de mercado a partir do problema de conhecimento de Hayek que deriva de uma série de artigos do autor sobre o significado de equilíbrio e competição, dentre esses artigos, o mais famoso é o “The Use of Knowledge in Society”. Ver Fabio Barbieri, “O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria do Processo de mercado”, Revista Econômica, p. 217-219.

⁵ Na visão de Lachmann (1978, p. 23), quando o empreendedor forma uma expectativa ele está fazendo o que um cientista faz ao formular uma hipótese, pois tanto as expectativas empresariais quanto as hipóteses científicas refletem uma tentativa de aprendizado e orientação em um mundo imperfeitamente conhecido, que será testado e melhorado por experiência posterior através de tentativa e erro. Assim como Karl Popper (2007) destaca os mecanismos de descoberta científica, Kirzner (2012) destaca os mecanismos de descoberta empresarial em sua teoria.

⁶ O termo empresário puro será tratado como sinônimo de empreendedor, pois o adjetivo puro designa uma atividade distinta daquela praticada por sujeito que possui uma empresa e que exerce a função de simplesmente administrá-la – assim como o termo inovador, referente ao empresário inovador de Schumpeter. Além disso, o atributo desses tipos de empresários afasta a possibilidade de, por exemplo, um diretor de uma empresa estatal ou um chefe de um sindicato (considerados empresários) se encaixe na figura tradicional do empreendedor que é tratado pela Administração, o que acaba permitindo, dessa forma, que não haja confusão entre a função desempenhada por um empresário com a de um empreendedor.

poderão, eventualmente, indicar a esses agentes se seus planos estavam sendo tomados de forma equivocada, para que esses agentes possam reformular seus planos visando evitar erros posteriores (IORIO, 2011). Diante disso, as oportunidades de lucros ou de trocas vantajosas as quais não haviam sido exploradas no mercado, em um período, deverão ser exploradas no período seguinte, mesmo sem mudança nos dados básicos do mercado – preferência, disponibilidade de recursos e tecnologia –, as decisões tomadas em um período gerarão alterações nas decisões correspondentes do período subsequente em decorrência de uma descoberta empresarial (KIRZNER, 2012).

Dentro dessa perspectiva, o processo de mercado decorre da falibilidade do conhecimento dos agentes, caso não ocorresse nenhuma ignorância no mercado, estar-se-ia diante de uma situação em que haveria um padrão de decisões perfeitamente encaixadas, em outros termos, nenhuma decisão deixaria de ser concretizada e nenhuma oportunidade de lucro deixaria de ser explorada. Por conseguinte, “sem mudanças autônomas em gostos, ou em possibilidades tecnológicas, ou na disponibilidade de recursos, ninguém pode ter o menor interesse em alterar seus planos para os períodos subsequentes” (KIRZNER, 2012, p. 21). Neste sentido, o mercado estaria em um estado de equilíbrio e não haveria a necessidade da atividade empreendedora (CONSTANTINO, 2009).

3.1 Estática Comparativa

Durante a formação acadêmica em economia, deparamo-nos, muitas vezes, com o gráfico de estática comparativa, que nada mais é com a comparação entre dois equilíbrios estáticos sem se preocupar em saber como o mercado se move de um equilíbrio para outro (VARIAN, 2015). Esse artifício se torna um bom mecanismo para entender o efeito de um determinado fenômeno econômico, como por exemplo, o que acontece quando o preço do aluguel de carros varia quando vários aspectos do mercado se alteram.

Paul Samuelson⁷ (1997), ao formular o modelo da estática comparativa, estava ciente de que um grande problema havia sido deixado de lado: o conhecimento da forma de ajuste que ocorre de um ponto de equilíbrio para outro. No entanto, esse problema foi resolvido com as inferências que a abordagem do modelo permite fazer para responder esse questionamento (BRUE, 2005). Mesmo com as inferências as quais a abordagem permite realizar para compreender o processo de ajustamento de um equilíbrio para o outro, isso talvez tenha prejudicado o estudo do papel empresarial durante esse processo.

Para Soto (2010, p. 21), “o formalismo matemático é, particularmente, adequado para descrever os estados de equilíbrio estudados pelos neoclássicos, mas não permite incorporar a realidade subjetiva do tempo nem a criatividade empresarial”. Para o autor, o modelo criado por Samuelson perde a essência da análise do papel que o empreendedor desempenha no mercado

devido a sua característica estática. Para Kirzner (2012), o fato de a teoria do preço está subordinado a uma análise de equilíbrio fez com que não só afastasse o estudo do processo de mercado, mas como também levasse à virtual exclusão do papel empresarial na teoria econômica.

Como a abordagem da estática comparativa é utilizada para investigar as consequências de uma determinada mudança nos fundamentos reais dos mercados, “ela examina as condições de equilíbrio depois da mudança, comparando-as com as que existiam antes da mudança” (KIRZNER, 2012, p. 16), ao focar em dois estados de equilíbrio estáticos, o modelo somente permite fazer

⁷ Paul A. Samuelson foi um dos mais importantes economistas do século XX, dentre as suas várias contribuições para a ciência econômica está o modelo de estática comparativa que pode ser encontrado no seu livro “Fundamentos da Análise Econômica”, p. 33-45.

inferências entre esses dois equilíbrios ou mais, quando houver mudanças no mercado. Portanto, verifica-se que o modelo assume, a priori, um estado de equilíbrio e esse equilíbrio, normalmente, não é explicado. Dito de outro modo, é como se a inferência que levou o mercado ao primeiro equilíbrio não fosse realizada.

O gráfico 1 mostra a análise da estática comparativa comparando dois pontos de equilíbrio estáticos no mercado de notebooks. Na medida em que a oferta de notebooks aumenta, o seu preço de equilíbrio diminuí.

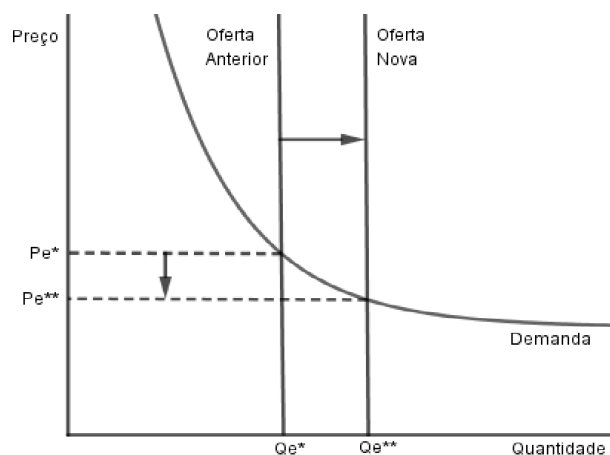


Gráfico 1 - Estática Comparativa

Fonte: Adaptado de Hal R. Varian (2015)

Como pode ser observado, um aumento da oferta de notebooks faz com que o seu preço de equilíbrio diminua, fazendo a quantidade demandada aumentar até o ponto em que as decisões individuais se compatibilizem. O construto da estática comparativa é utilizado recorrentemente de forma mecânica, no sentido de se preocupar mais com o conjunto de preços e quantidade os quais são condizentes com o equilíbrio de mercado, logo, como consequência disso, o papel que o empreendedor desempenha no processo que leva o ajuste da economia é ignorado (KIRZNER, 2012). Em contraste a isso, a teoria da atividade empresarial de Kirzner (2012) deve ser vista de forma dinâmica, ao não se preocupar com o estado de equilíbrio, a teoria é capaz de explicar a emergência da coordenação dos planos dos agentes e, com isso, a convergência dos mercados a um equilíbrio.

Ao supor que, por exemplo, haja uma demanda latente por notebooks e essa demanda não esteja sendo atendida, denota-se que o mercado se encontra em uma situação de desequilíbrio (descoordenação entre planos individuais) e, portanto, uma situação em que haverá espaço para atuação da atividade empresarial. Dessa forma, será possível inserir a figura do empreendedor no mercado, no qual será uma variável endógena do modelo, capaz de ajustar os desarranjos entre planos individuais que ocorrem na economia e levar o mercado a um tendencial equilíbrio. Kirzner (2012) conceitua a figura do empresário puro como “o tomador de decisões cujo papel brota totalmente do seu estado de alerta em relação a oportunidade até então despercebidas” (KIRZNER, 2012, p. 44).

Por esse ângulo, a definição de Kirzner (2012) contrasta a visão mainstream do comportamento puramente maximizador de lucro dos empresários (KUPFER & HASENCLEVER, 2002). Uma das principais funções desempenhadas pelo empreendedor, ignorado pela teoria

neoclássica, é agir de forma a identificar a existência de uma demanda latente⁸ por um determinado produto e explorá-la (KIRZNER, 2012; DORNELAS, 2014). Como já assinalado, e o modelo de estática comparativa nos ajuda a visualizar melhor, no equilíbrio não haverá demandas não atendidas para serem exploradas pelos empreendedores. Nesse ponto, torna-se necessário sair desse paradigma neoclássico para compreender a natureza da atividade empreendedora na economia.

Em situações de desequilíbrios, verifica-se que as oportunidades de lucros existentes, nos mercados, serão captadas pelos empreendedores, que ao explorem essas oportunidades coordenarão os planos dos agentes e melhorarão os resultados de alocação dos recursos. Assim sendo, o êxito da teoria de Kirzner (2012) não consiste na análise do equilíbrio de mercado, mas dos desdobramentos que ocorrem no mercado antes que ele chegue em um possível estado de equilíbrio. Cabe salientar que a teoria do autor não deve, de nenhum modo, ser vista como uma refutação da teoria dos preços que é ensinada hoje, e sim como uma contemplação de aspectos fundamentais que não são abordadas pela economia neoclássica e que são cruciais para compreensão do funcionamento dos mercados (IORIO apud SARJANOVIC, 1997; BARBIERI, 2014).

No decurso do processo econômico o qual faz com que exista, de alguma forma, certa estabilidade de preços e quantidades que são produzidas, a atividade empreendedora será de extrema importância à compreensão do processo de mercado. O primeiro ponto de equilíbrio que é assumido, a priori pela abordagem da estática comparativa, será respondido com base na atividade que o empreendedor desempenha no mercado, assim como todos os outros pontos de equilíbrio que venham a ocorrer devido a mudanças nas preferências, tecnologias ou rendas dos consumidores.

3.2 Schumpeter, Fluxo Circular e Destruição Criadora

Ao dissertar sobre empreendedorismo, no âmbito da teoria econômica, faz-se necessário mencionar Schumpeter⁹ em função de sua contribuição ao estudo da atividade empreendedora. Na sua concepção, o empreendedor é o tipo de agente que promove um processo de destruição criadora na economia, este processo é o que caracteriza a economia capitalista e o mantém em marcha, criando novos produtos, novos mercados e, acima de tudo, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros (SCHUMPETER, 1961).

A análise de Schumpeter (1997), com relação ao papel que o empreendedor desempenha na economia, entra em conflito com a análise de Kirzner (2012) devido a forma em que ambos os autores analisam o sistema econômico. Enquanto Kirzner (2012) analisa a economia como um processo dinâmico caracterizado por um desequilíbrio perene com tendência ao equilíbrio – embora

⁸ Boa parte dos estudos sobre empreendedorismo na área de Administração tem focalizado sua pesquisa nesse ponto, ou seja, na percepção que um indivíduo possui ou os passos para descobrir uma oportunidade de negócio existente no mercado, esse elemento é de crucial importância na ação empreendedora para identificar o que os consumidores desejam mais avidamente e atendê-los na economia. Ver, por exemplo, Dornelas, “Empreendedorismo – Transformando Ideias em Negócios”, cap. 4.

⁹ No século passado, um dos grandes pioneiros do conceito empreendedorismo foi Joseph A. Schumpeter, com a sua ideia de destruição criadora. Ver “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, cap. 7. Dentro desse estudo, torna-se necessário fazer menção ao autor por: I) ele ser um dos autores mais populares na literatura do empreendedorismo; II) ser necessário compreender como Schumpeter consegue inserir o empreendedor no sistema econômico, mesmo considerando que este está em prévio estado de equilíbrio; e III) sua abordagem distinguir da enfatizada por este trabalho e entrar em divergência com o objetivo proposto pelo mesmo.

nunca alcance o equilíbrio –, Schumpeter (1997) analisa a economia como um fluxo circular, quer dizer, uma economia sob competição perfeita em prévio estado de equilíbrio.

Como Schumpeter (1997) analisa a economia em um estado de equilíbrio pré-existente, a única variável, evidentemente, capaz de mudar esse estado é uma variável exógena que, para o autor, é o empresário inovador (SCHUMPETER, 1997). O empresário inovador é aquele que supera a sonolência do fluxo circular para impor novos padrões de combinação dos meios de produção, as destruições de velhos padrões geram desequilíbrios na economia, assim como pressões para novos padrões de conformidade – até atingir o ponto de uma nova situação de equilíbrio – que decorrerá também da atuação de outros empresários (MARTES, 2010).

Para Schumpeter (1961 e 1997), a função do empreendedor é destruir o estado de equilíbrio no mercado (ao invés de construí-lo), nesse contexto, a função empresarial caracterizada pelo autor representa uma força desequilibradora na economia. Por outro lado, Kirzner (2012) destaca que é a atividade empreendedora o elemento capaz de explicar a emergência para um estado de equilíbrio no mercado e é justamente ela que faz o mercado possuir uma característica equilibradora, pois, na sua teoria, o empreendedor é endógeno.

Na visão Schumpeteriana, após o rompimento do fluxo circular, a economia apenas chegaria a um novo estado de equilíbrio quando os empresários não inovadores – imitadores – copiassem a ação do empresário inovador, nesse cenário as oportunidades de lucro extraordinário que passariam a existir com ação do empresário inovador seriam exploradas pelos empresários imitadores e faria o mercado convergir para um novo equilíbrio, ou uma situação de lucro normal, em decorrência desse processo de competição entre os empreendedores (SOUZA, 2012).

Murray Rothbard (2011) distingue muito bem a visão de Schumpeter sobre a função do empreendedor na economia com o da Escola Austríaca¹⁰, ao mesmo passo, o autor critica a análise de Schumpeter.

[...] in the Austrian view the entrepreneur is the main bearer of uncertainty in the real world, and successful entrepreneurs reap profits by bringing resources, costs, and prices further in the direction of equilibrium. But Schumpeter starts, not in the real world, but in the never-never land of general equilibrium which he insists is the fundamental reality. But in the equilibrium world of stasis and certainty there are no entrepreneurs and no profit. The only role for entrepreneurship, by logical deduction, is to innovate, to disrupt a preexisting equilibrium. The entrepreneur cannot adjust, because everything has already been adjusted [...]. His only prescribed role, therefore, is to be disruptive and innovative. (ROTHBARD, 2011, p. 270)

Somente ao quebrar o paradigma da análise do equilíbrio e olhar o mercado como um processo dinâmico, caracterizado pela descoordenação entre planos individuais, poderá se fazer uma análise diferente da de Schumpeter (1997). Como esse autor analisa a economia em um prévio estado de equilíbrio, isso equivale a dizer que o empreendedor, ao destruir o estado de equilíbrio por meio da inovação, descoordena os planos dos participantes do mercado, a função empresarial Schumpeteriana consiste em criar oportunidades de lucro já que o equilíbrio pressupõe que todas as oportunidades de lucros já estão sendo exploradas.

Enquanto que na concepção de Kirzner (2012), o papel que o empreendedor exerce não consiste em destruir o estado de equilíbrio no mercado, e sim levá-lo a um estágio mais perto o possível do equilíbrio. O desequilíbrio, para o autor, representa a descoordenação entre planos

¹⁰ Dentre as Escolas de Pensamento Econômico, a Escola Austríaca (EA) foi a única que sempre teve como um de seus programas de pesquisa analisar os fenômenos econômicos a partir do empreendedorismo. Isto pode ser verificado na sua literatura pelas obras de Israel Kirzner, Peter Klein, Murray Rothbard, Ludwig Lachmann, dentre outros.

individuais que, por sua vez, indica uma oportunidade de lucro existente no mercado não explorada, como o lucro existe no mercado a função do empreendedor Kirzneriano é a de identificar/captar essas oportunidades e explorá-las, e não criá-las (GIANTURCO, 2014).

Após feitas essas considerações acerca da teoria de Schumpeter (1961 e 1997) no que tange a função empreendedora na economia, que são de importância crucial para compreender a tendência ao equilíbrio de mercado, depara-se, na próxima seção, uma situação capaz de entender os mecanismos pelos quais o empreendedor se torna um importante agente no processo de coordenação de planos individuais na economia e como, ao longo do tempo, o mercado converge para um equilíbrio (situação em que os recursos estão sendo melhor alocados).

4 A Tendência Equilibradora do Mercado

No desequilíbrio, os participantes do mercado não estão conscientes para as oportunidades de trocas lucrativas que estão à sua disposição e, por consequência, inúmeras oportunidades são desperdiçadas. Um vendedor pode não esperar que exista um comprador a sua espera, pronto para realizar uma transação vantajosa. Um comprador pode não estar consciente de que há vendedores que poderiam oferecer um produto que ele esperava obter. Além disso, recursos podem estar sendo empregados para a produção de produtos no qual estão sendo demandados menos urgentemente, ao passo em que esses recursos poderiam estar sendo utilizados na produção de produtos em que há uma demanda urgente (KIRZNER, 2012).

Durante esse processo – caracterizado por um estado de ignorância –, torna-se necessário fazer a inclusão do fato de que os homens adquirem novas experiências no mercado. Se os fins e meios de hoje oferecem exatamente o que se acreditava que eles fossem ontem, os tomadores de decisões chegariam as mesmas posições produzidas pelos dados anteriores (BARBIERI, 2008). Diante disso, não se poderia explicar a influência das experiências passadas no processo de mudanças dos planos dos agentes que poderiam gerar alterações nos preços, quantidades, uso de insumos, dentre outros. Com a inclusão do processo de aprendizagem dos agentes pode-se esperar que na tomada de decisões não ótimas ontem façam que se desenvolvam mudanças nas suas expectativas quanto aos fins e meios, fazendo com que ocorra mudanças em seus planos (KIRZNER, 2012).

Caso um vendedor não estivesse consciente de que o produto que ele está oferecendo no mercado pode ser vendido por um preço maior do que ele está vendendo, ele estaria incorrendo em um erro de expectativa, a partir do momento em que o vendedor passa a ter a informação que ele pode vender esse produto por um preço maior que vendida ontem no mercado, ele então toma a decisão de refazer o seu plano para corrigir esse erro de pessimismo. Como os agentes podem aprender com as experiências passadas, a descoberta empresarial dessa informação, por parte desse vendedor, pode ser vista como geradora de mudanças na sua expectativa, pois sua expectativa pessimista com relação a oportunidade de lucro que estava a sua frente ensinará que este deverá estar mais atento para as oportunidades existentes no mercado (IORIO, 2011).

Vinculado a esse processo de tentativa e erro no mercado para descobertas empresariais o que, por seu turno, promove maior coordenação dos planos individuais e gera uma tendência ao equilíbrio de mercado, Cantillon¹¹ (2002) constata que os empreendedores ocupam uma posição

¹¹ Richard Cantillon foi um dos mais importantes economistas do século XVIII, sendo considerado por muitos autores como um dos criadores do termo empreendedorismo, tendo sido, inclusive, um dos primeiros a diferenciar o papel do empreendedor – aquele que assumia risco durante a sua atividade empresarial no mercado – do capitalista – aquele que fornecia capital.

intermediária no mercado que é de fundamental importância, salientando que seu papel consiste em operar nos mercados de produtos e de fatores de produção procurando tirar vantagem do sistema de preços, de tal modo que a sua ação ajuste a oferta e a demanda em cada mercado (FEIJÓ apud CANTILLON, 2001). Eles também são os que contratam trabalhadores e organizam a produção. Os assalariados trabalham por remuneração fixa, enquanto o empreendedor tem uma renda incerta, pois é ele quem corre o risco: quando produz não sabe o preço a que poderá vender o produto (CANTILLON, 2002).

Em vista disso, a tendência equilibradora do mercado ocorre devido ao papel que o empreendedor desempenha durante o processo de mercado, somente por meio do empreendedor que pode existir mudanças, que são provocadas em decorrência do padrão de decisões erradas tomadas no mercado e que em virtude disso geram oportunidades de lucro, o empreendedor leva a um ajuste nesses elementos discordantes que resultam da ignorância no mercado e faz com que os planos dos agentes cheguem a uma maior compatibilização (IORIO, 2011). A sua atividade no funcionamento do mercado tem a capacidade de transmitir informações a outros agentes que podem estar tomando decisões equivocados e fazer com que eles sejam levados a ajustar suas próprias decisões, essas revisões entre planos promove uma maior coordenação da atividade econômica e levam os recursos a serem utilizados de forma mais eficiente (HAYEK, 1948).

4.1 A Mão Empreendedora no Mercado

Retomando o conceito de mão invisível, a principal ideia apresentada, quanto a sua atuação no mercado, é que ela ocorreria via sistema de preços. Caso ocorresse excesso de oferta, os vendedores acumulariam estoques não planejados e devido a isso teriam que diminuir seus preços para escoar esse estoque, os vendedores concorreriam, dessa forma, pelos consumidores escassos. Por outro lado, caso ocorresse excesso de demanda, os consumidores estariam dispostos a pagar mais pelos produtos escassos (VASCONCELLOS, 2009). No primeiro caso, a diminuição do preço aumentaria a quantidade demanda e faria com que a quantidade oferta diminuísse de tal forma que eliminasse o excesso de oferta. No segundo caso, o aumento do preço diminuiria a quantidade demandada e, por conseguinte, eliminaria o excesso de demanda (BRUE, 2005). Nesse sentido, por meio do mecanismo de preços, a mão invisível seria capaz de garantir a convergência do mercado ao equilíbrio (SAMUELSON & NORDHAUS, 2010).

No artigo “The Use of Knowledge in Society”, Hayek (1945) afirma que:

[...] in a system where the knowledge of the relevant facts is dispersed among many people, prices can act to coordinate the separate actions of different people in the same way as subjective values help the individual to coordinate the parts of his plan. (HAYEK, 1945, p. 526)

Neste aspecto, analisar o sistema de preços torna-se importante para compreender a coordenação dos planos de vários indivíduos na economia, diferentemente da abordagem habitual que trata o preço como dado – no modelo de competição perfeita –, deve-se notar que, na perspectiva de Kirzner (2012), são as ações empreendedoras propulsoras de mudanças nos preços de mercado que dever-se-á tornar possível atingir um possível estágio de equilíbrio no mercado – que não é dado, e sim buscado/descoberto pelos empreendedores.

No ponto de vista de Cantillon (2002), a medida em que os planos individuais dos produtores e compradores não estão perfeitamente coordenados, os preços de mercado tendem a se afastar de seus valores intrínsecos, as inconsistências desses planos distanciam temporariamente

os preços de seus custos, fazendo com que, dessa forma, haja no mercado oportunidades de lucros decorrente dessa falta de coordenação. Nesse sentido, os preços funcionam como emissor de informações que servem para coordenar esses planos até então incompatíveis (FEIJÓ apud CANTILLON, 2001).

O sistema de preço serve de base para que o empreendedor possa explorar essas oportunidades de lucro no mercado, se beneficiando pelas diferenças observadas entre preços praticados e valores intrínsecos. Por meio da arbitragem, o empreendedor desloca a oferta e a demanda de modo a levar uma mudança nos preços relativos, sinalizando novas estratégias até que os planos desses agentes se tornem compatíveis (CANTILLON, 2002). “O mesmo processo também se verifica no mercado de fatores e conduz à realocação constante de trabalho e outros insumos produtivos até que a demanda se igual à oferta” (FEIJÓ apud CANTILLON, 2001, p. 104).

Na teoria de Kirzner (2012), o elemento explicador da coordenação dos planos dos participantes no mercado está na atividade empreendedora, além disso, denota-se que quando a atividade econômica é tida como dada ela ignora o papel do empreendedor no mercado, sendo que a coordenação do mercado perpassa pela descoberta empresarial de oportunidades de lucros existentes no mercado. O estado de alerta empresarial garante que os agentes aprendam e conduzam o processo de mercado a uma maior coordenação das atividades econômicas (IORIO, 2011).

De forma análoga a Cantillon (2002), Kirzner (2012) destaca que o lucro empresarial é uma consequência do estado de alerta, uma oportunidade de lucro existirá quando houver discrepâncias de preços no mercado – o que representará a falta de coordenação entre os planos individuais –, essas discrepâncias que representa o erro darão ao empreendedor a oportunidade identificá-la e aproveitá-la, ao explorar essa oportunidade de lucro existente no mercado, o empreendedor coordenará os planos individuais dos participantes do mercado (IORIO, 2011). A função típica do empreendedor, ressaltada por Cantillon (2002) e Kirzner (2012), deste modo, consiste em um processo de arbitragem.

Cantillon (2002), em sua análise (totalmente compatível com as ideias de Kirzner), afirma que toda troca e circulação de bens que aciona o sistema econômico parte da ação dos empreendedores e, sendo assim, estes agentes devem ocupar posição vital na análise econômica. A economia, descrita por esse autor, é caracterizada como “um sistema organizado de mercados interconectados que afetam uns aos outros, no interior do qual atuam indivíduos em relação de dependência mútua” (FEIJÓ apud CANTILLON, 2001, p. 103). Este sistema se ajusta pela atividade dos empreendedores que operam no mercado comprando, vendendo e organizando a produção sob condições de incerteza.

Por conseguinte, o que Adam Smith (1776) havia chamado de mão invisível e que hoje se subentende como um processo no qual o mercado se auto ajusta sozinho, ocasionando em um equilíbrio de forma espontâneo, omite de forma infeliz o papel crucial que o empreendedor desempenha no mercado. Contudo, essa constatação não significa que a ideia de ordem espontânea dos mercados em Smith esteja refutada, mas que o papel coordenador da economia possui um agente concreto (empreendedor) que é virtualmente ignorado pelas análises realizadas com base na sua ideia quanto a natureza do funcionamento e organização dos mercados. Depreende-se que isto pode ocasionar sérios impactos no que tange a regulação dos mercados e políticas públicas voltadas ao empreendedorismo.

Cabe frisar, neste aspecto, que pela análise exposta, há uma organização espontânea nos mercados, uma vez que os planos dos agentes são formulados e tentados ser resolvidos de forma descentralizada, por meio da atividade empreendedora, apesar do problema de conhecimento perene da sociedade. Assim sendo, a mão invisível do mercado pode ser entendida pela ideia de

“mão empreendedora” devido aos ajustes que o empreendedor promove durante o processo de mercado, fazendo com que haja uma tendência do mercado a um estado de equilíbrio.

Como os participantes do mercado buscam às cegas uma posição entre demanda e oferta, o empreendedor se torna o elo (ou “arquiteto”) capaz de fazer as curvas desses participantes do mercado se cruzarem, quando isso ocorre é encontrado uma posição de equilíbrio em um ambiente repleto de ignorância e incertezas. Para Kirzner (1973 apud DORNELAS, 2014, p. 28), “o empreendedor é aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente”. Os gráficos a seguir, 1.1 e 1.2, mostram o mercado com e sem a atividade empreendedora.

O gráfico 1.1 mostra que sem atividade empreendedora o mercado não é capaz de encontrar uma posição de equilíbrio, a ignorância dos agentes no mercado faz com que a curva de oferta e demanda não cheguem a se tocarem. Esse fato decorre da falta de informação existente no mercado para possibilidades de trocas vantajosas até então despercebidas. Nessa situação, o empreendedor tem a função de utilizar o seu conhecimento empresarial para transmitir aos outros participantes do mercado uma forma deles concretizarem os seus planos, sem o exercício da atividade empreendedora os planos desses agentes continuarão descoordenados.

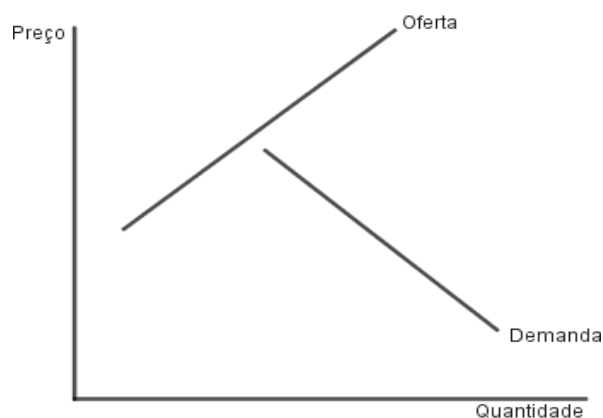


Gráfico 1.1 - Sem atuação do empreendedor no mercado
Fonte: Elaboração própria (2018)

Ao isolar os participantes do mercado em: proprietários de recursos, consumidores e empreendedores, e desconsiderar a figura específica deste último, verifica-se que a coordenação do plano destes agentes (proprietários de recursos e consumidores) somente serão concretizados caso eles tornem seus próprios empreendedores, ou seja, identifique as oportunidades de trocas vantajosas no mercado para si mesmo e o explorem¹². Dessa forma, caso isso ocorra, retoma-se ao papel empreendedor de coordenação da economia, mesmo com a exclusão dessa figura na estrutura de classes do mercado¹³. Nessa linha de raciocínio, não há uma mão invisível coordenando os planos individuais desses participantes no mercado, o que acontece é um exercício de uma atividade empreendedora para solucionar um problema de coordenação da economia. De certo

¹² Sob a ótica de Cantillon e Kirzner, os empreendedores livram os consumidores de se tornarem os seus próprios empreendedores oferecendo-lhes oportunidades de trocas vantajosas no mercado. Ver Cantillon (2002) p. 45 e Kirzner (2012) p. 122.

¹³ Essa abstração (tipo ideal Weberiano) é útil apenas para analisar uma função particular, visto que nenhum indivíduo é simplesmente trabalhador, consumidor, empreendedor, capitalista ou proprietário de recursos (GIANTURCO, 2014). Na literatura sobre empreendedorismo na economia, há um enorme debate sobre a possibilidade de isolar o empreendedor puro, do capitalista e do proprietário. Ver, Gianturco, p. 29-33.

modo, a mão invisível representa uma ideia tão abstrata que é incapaz de captar o elemento empreendedor, na sua devida magnitude, para compreender o processo de ajustamento do mercado¹⁴.

Já o gráfico 1.2 mostra o mercado com o desempenho do empreendedor. Verifica-se no caso em questão que o mercado é capaz de encontrar um equilíbrio, ou seja, de um padrão em que as expectativas dos agentes estarão sendo concretizadas.

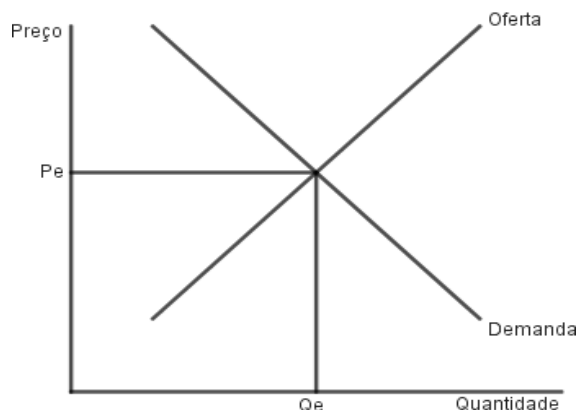


Gráfico 1.2 - Com atuação do empreendedor no mercado
Fonte: Elaboração própria (2018)

O processo de mercado, enfatizado nesse estudo, é a essência da atividade empreendedora e da competição na economia, pois é o momento que o empreendedor reage as mudanças que ocorrem no mercado e tenta antecipá-las oferecendo a melhor oportunidade de fazer negócios aos consumidores (KIRZNER, 2012). Por meio da ação empreendedora que os erros existentes no mercado são percebidos e corrigidos, ao fazer, dessa maneira, o mercado convergir para um estado equilíbrio.

Como a economia moderna de mercado é caracterizada pelo fato de haver uma extensa divisão do trabalho e de os agentes possuírem fins e meio diferentes, isso acaba fazendo com que haja maior incompatibilidade de planos individuais. Nesse contexto, a atividade empreendedora age de forma a coordenar esses planos, o empreendedor tem como incumbência descobrir novos meios e fins, nessa descoberta o mercado irá convergir para um ponto em que as decisões de cada agente estejam cada vez mais coordenadas (IORIO, 2011).

Assim, a função que o empreendedor desempenha no mercado deve ser vista com fundamental importância para a compreensão do funcionamento do mercado, ainda mais que a sociedade de hoje é complexa, onde muitas decisões estão sendo tomadas equivocadamente, novos produtos estão sendo fabricados sem haver demanda por eles, consumidores sem estar cientes de que produtos com qualidade superior aquele que ele está acostumado a consumir por um preço menor está sendo disponibilizado no mercado, dentre outras coisas. Por fim, pode-se dizer que o mercado se encontra em equilíbrio somente quando tudo o que tinha para ser feito – durante o processo de mercado – foi de fato realizado.

¹⁴ A análise exposta até aqui permite verificar isso no livro “Economia nua e crua: o que é, para que serve, como funciona” e ao mesmo tempo, também, permite realizar um exercício mental quanto aos insights fornecidos pela teoria de Kirzner (2012) para contrastar a ideia de mão invisível. Ver cap.1 (O poder dos mercados), p. 13.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a pesquisa realizada por esse estudo sugere que o processo de ajustamento do mercado decorre da atividade empresarial ou do papel que o empreendedor desempenha no mercado, e não da mão invisível como se verifica vulgarmente nos debates do dia a dia, seja por economistas ou pelo público em geral. Além do mais, ressalta-se que a ideia de Adam Smith (1776) omite o papel que este agente desempenha na economia. O mercado, visto como um processo, permite que se compreenda o papel que o empreendedor desempenha na economia, não como um simples empresário maximizador de lucro que conhece previamente suas curvas de custos e de receitas (como tratado nos livros textos de economia pela Teoria da Firma Neoclássica), mas como um sujeito em estado de alerta para as oportunidades existentes no mercado.

Ao se buscar e analisar o processo de ajustamento do mercado, foi destacado a importância de olhar para o mesmo como um processo dinâmico, decorrente da interação de seus participantes: consumidores, proprietários de recursos e empreendedores, em contraste a um prévio estado de equilíbrio. A importância disso consiste no fato de que o estado de equilíbrio é o estágio final do processo de mercado, e nessa situação (de equilíbrio) não há mais espaço para atuação do empreendedor na alocação de recursos, já que as expectativas dos agentes estão sendo concretizadas, em outras palavras, não há ignorância ou falta de coordenação de planos na economia.

Com base no referencial teórico abordado demonstrou-se que o processo de mercado depende primordialmente da atividade empreendedora pois é ela que será capaz de ajustar os desarranjos que ocorrem na economia e promover maior coordenação dos planos dos participantes do mercado. É a função empresarial desempenhada no mercado que explica a emergência para um estado de equilíbrio, ou de um padrão em que as decisões de cada agente estejam coordenadas, cada agente conseguindo realizar seus planos individuais sem frustração.

Deste modo, o empreendedor tem como importância garantir a convergência do mercado para um estado de equilíbrio. Sua função está ligada a percepção de lucros no mercado e a exploração dos mesmos, o lucro existente é o sinalizador de que existe algum desarranjo na economia que precisa ser ajustado, quando ajustado ter-se-á maior coordenação das atividades econômicas. As descobertas realizadas pelos empreendedores indicam a outros agentes no que eles podem está errando e por meio disso fazer com que eles refaçam os seus planos para tentarem concretizá-los com maior êxito.

Diante da importância que o empreendedor possui no funcionamento de uma economia de mercado, ao dar a sua mão para a coordenação das atividades econômicas e da concretização dos planos entre os participantes do mercado, pode-se concluir que a mão invisível de Adam Smith (1776) não é tão invisível como muitos imaginam e que, além disso, torna-se possível falar de uma “mão empreendedora” no mercado.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, F. (2008). **O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria do Processo de Mercado**. Revista Econômica, 3.
- BARBIERI, F. (16 de Outubro de 2014). **Uma lenda viva: Israel Kirzner**. Fonte: Instituto Mises Brasil: <https://mises.org.br/Article.aspx?id=1952>.
- BAUMOL, W. J. (2010). **The Microtheory of Entrepreneurship**. Oxford: Princeton University Press.

- BRUE, S. L. (2005). **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Thomson Learning.
- CANTILLON, R. (2002). **Ensaio Sobre a Natureza do Comércio em Geral**. Curitiba: Segesta Editora.
- CHIAVENATO, I. (2007). **Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor**. São Paulo: Saraiva.
- CONSTANTINO, R. (2009). **Economia do Indivíduo: O Legado da Escola Austríaca**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- DORNELAS, J. (2014). **Empreendedorismo: Transformando Idéias em Negócios**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- FEIJÓ, R. (2001). **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Atlas.
- GIANTURCO, A. (2014). **O Empreendedorismo de Israel Kirzner**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- HAYEK, F. (1937). **Economics and Knowledge**. *Econômica* 4, 33-54.
- HAYEK, F. (1945). **The Use of Knowledge in Society**. *The American Economic Review*, 519-530.
- HAYEK, F. (1948). **Individualism & Economic Order**. Chicago: The University of Chicago Press.
- IORIO, U. J. (1997). **Economia e Liberdade: A Escola Austríaca de Economia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- IORIO, U. J. (2011). **Ação, Tempo e Conhecimento: A Escola Austríaca de Economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- KEYNES, J. M. (1996). **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. São Paulo: Nova Cultural.
- KIRZNER, I. M. (2012). **Competição e Atividade Empresarial**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- KUPFER, D., & HASENCLEVER, L. (2002). **Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier.
- LACHMANN, L. M. (1978). **Capital and Its Structure**. California: Institute for Humane Studies.
- LISBOA, M. (1998). **A Miséria da Crítica Heterodoxa - Segunda Parte: Método e Equilíbrio na Tradição Neoclássica**. Fundação Getúlio Vargas, 17-22.
- LOPES, L. M., & VASCONCELLOS, M. A. (2008). **Manual de Macroeconomia: Básico e Intermediário**. São Paulo: Atlas.
- MANKIW, N. G. (2009). **Introdução à Economia**. São Paulo: Cengage Learning.
- MARTES, A. C. (2010). **Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor**. *Revista de Economia Política*, 256.
- MARX, K. (1996). **O Capital - Crítica da Economia Política, Vol. I**. São Paulo: Nova Cultural.
- MISES, L. V. (2010). **Ação Humana: Um Tratado de Economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- OLIVEIRA, R. d., & GENNARI, A. M. (2009). **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Saraiva.
- POPPER, K. (2007). **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix.
- ROBBINS, L. (2012). **Um Ensaio Sobre a Natureza e a Importância da Ciência Econômica**. São Paulo: Saraiva.
- ROTHBARD, M. N. (2011). **Economic Controversies**. Alabama: Ludwig von Mises Institute.
- SAMUELSON, P. A. (1997). **Fundamentos da Análise Econômica**. São Paulo: Nova Cultural.
- SAMUELSON, P. A., & NORDHAUS, W. D. (2010). **Economics, 19 ed.** Nova York: The McGraw-Hill Series Economics.

- SANTOS, A. T., & BIANCHI, A. M. (2007). **Além do Cânon: Mão Invisível, Ordem Natural e Instituições**. Revista Econômica da USP, 647-650.
- SCHUMPETER, J. A. (1961). **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- SCHUMPETER, J. A. (1997). **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural.
- SMITH, A. (1996). **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Nova Cultural.
- SOTO, J. H. (2010). **A Escola Austríaca: Mercado e Criatividade Empresarial**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.
- SOUZA, N. d. (2012). **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Atlas.
- VARIAN, H. R. (2015). **Microeconomia: Uma Abordagem Moderna**. Rio de Janeiro: Elsevier.
- VASCONCELLOS, M. A. (2009). **Economia: Micro e Macro**. São Paulo: Atlas.
- WALRAS, L. (1996). **Compêndio dos Elementos de Economia Política Pura**. São Paulo: Nova Cultural.